

O sentido de *Self* e as relações entre identidade pessoal e identidade social em Margaret Archer

ALLISTON FELLIPE NASCIMENTO DOS SANTOS*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar alguns apontamentos sobre o sentido de *Self* alinhado ao realismo crítico das teorias desenvolvidas por Margareth Archer baseadas nos pressupostos entre Agência e Estrutura (1995; 2000). Neste sentido, optamos por abordar a relação entre a identidade social e a identidade pessoal, trazendo reflexões iniciais acerca deste fenômeno no âmbito sociológico. Para os constructos relacionais, trazemos como principal embasamento o texto de Archer “Realismo e o Problema da Agência”, traduzido pela socióloga brasileira, Cynthia Hamlin (2000). Diante da reflexão sobre sentido de *self* e o caráter relacional entre identidade pessoal e social, pudemos compreender que a primeira está ligada a uma construção individual do conceito de si, enquanto a segunda, refere-se ao conceito de si a partir da vinculação da pessoa a grupos sociais.

Palavras-chave: Sociologia; *Self*; Identidade Pessoal; Identidade Social.

The Sense of Self and the Relations Between Personal Identity and Social Identity in Margaret Archer

Abstract: The present work aims to present some notes about the sense of Self aligned with the critical realism of the theories developed by Margareth Archer based on the assumptions between Agency and Structure (1995; 2000). In this sense, we chose to approach the relationship between social identity and personal identity, bringing initial reflections about this phenomenon in the sociological scope. For the relational constructs, we bring as main basis Archer's text "Realism and the Problem of Agency", translated by the Brazilian sociologist Cynthia Hamlin (2000). In view of the reflection on the sense of self and the relational character between personal and social identity, we could understand that the first is linked to an individual construction of the concept of self, while the second refers to the concept of self from the person's attachment to social groups.

Key words: Sociology; *Self*; Personal Identity; Social Identity.



* ALLISTON FELLIPE NASCIMENTO DOS SANTOS é Graduado em Comunicação Social-Publicidade e Propaganda e Mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal de Sergipe. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe.

Introdução

Um dos problemas centrais da Sociologia, de acordo com Archer (2000), refere-se à discussão sobre a relação entre agência e estrutura. Várias teorias foram desenvolvidas na tentativa de resolver este problema, algumas delas embasadas na atribuição de muito poder à estrutura, outras na atribuição de muito poder à agência. Esta variação desmedida na imputação de poder é reflexo da diversidade de tentativas empreendidas para a compreensão de como, e através de que, se constitui a pessoa humana.

Margaret Archer (2000, p. 51) resume o problema a “como conceituar o agente humano como alguém que é parcialmente formado por sua socialidade, mas que também tem a capacidade de transformar parcialmente sua sociedade”. Em sua obra *Realismo e o Problema da Agência* (2000) a autora traz à tona dois elementos essenciais desta problemática entre estrutura e agência: a “identidade pessoal e identidade social”, correlacionando ao conceito de *self*, aspectos que serão analisados neste presente artigo.

Antes de adentrarmos às considerações sobre a relação entre identidade pessoal e identidade social, **faz-se** necessário explicarmos, mesmo que de forma breve, do que se trata o conceito de *self* em algumas das principais áreas. É importante destacar que o conceito de *self* dependerá do pano de fundo teórico e das pressuposições adotadas. De forma geral, o termo *self* tem sido usado para se referir ao centro da nossa personalidade e à nossa concepção sobre nós mesmos, fazendo referência a dois temas implícitos no uso do termo e de prolongado tratamento na história da filosofia: a identidade pessoal e a autoconsciência.

Podemos dizer que o conceito *self* é usado de forma generalizada na pesquisa, o que torna difícil reconhecer, de imediato, qual a sua perspectiva epistemológica. As abordagens teóricas fundamentam-se em diferentes concepções para compreender o ser humano, o que traz implicações diretas na maneira de descrever o *self*. Entre os muitos dilemas com os quais as teorias sobre o *self* se defrontam, Bamberg e Zielke (2007) destacam três que estão inter-relacionados: primeiro: a questão da identidade e de sentir-se o mesmo, ou seja, como é possível considerar-se o mesmo face às constantes mudanças; segundo: a questão de sentir-se único e o mesmo, ou seja, se é possível considerar-se como único apesar de ser o mesmo como qualquer outro (e vice-versa); e terceiro: a questão de quem é o encarregado da construção, isto é, se é a pessoa quem constrói o mundo do jeito que é ou se a pessoa é construída pelo modo como o mundo é.

Não há uma tradução direta para a palavra *self* em muitos idiomas, mas existem palavras que conduzem naturalmente ao papel que um *self* pode ter (STRAWSON, 2005), ainda que esse possa diferir em cada cultura. Em uma definição sucinta, *self* inclui um corpo físico, processos de pensamento e uma experiência consciente de que alguém é único e se diferencia dos outros, o que envolve a representação mental de experiências pessoais (GAZZANIGA; HEATHERTON, 2003).

Essa definição destaca características permanentes e universais e não discrimina as mudanças que ocorrem durante o desenvolvimento ou entre diferentes culturas. Em contraste, autores (as) pós-modernos (as) (GERGEN, 1985; SHOTTER, 1997) questionam a existência do acesso a uma verdade universal e de uma perspectiva

individual desengajada de um contexto relacional. Shotter (1997) ainda argumenta que mentes, *selves* ou psiquês, existem como tais somente quando encaixados em nossas práticas discursivas.

Outros (as) autores(as) têm uma posição intermediária, como a de Chandler (2000), que considera que, para sobreviver como possíveis objetos do conhecimento, sem cair na incoerência, os *selves* de cada idade e segmento cultural precisam ser entendidos como capazes de mudar, preservando algumas características que asseguram um sentido de continuidade. Atualmente, essas diversas definições de *self*, que surgiram em momentos históricos diferentes, coexistem.

No que concerne à filosofia, as concepções filosóficas sobre o ser humano que surgiram ao longo do tempo influenciaram a compreensão sobre o *self*. Os antigos filósofos entendiam que o ser era concebido de uma vez, totalmente completo e perfeito. Para Chandler (2000), por exemplo, as concepções mais importantes foram: primeiro: o homem como resultando de um sistema de essências, de Schlesinger; segundo: o *self* transcendental e imutável, de Platão; terceiro: o ser que vivia um dualismo entre o corpo e o espírito, conforme Descartes; quarto: o ser que era equipado com categorias universais na mente, como queria Kant. Havia uma preocupação com um estado de permanência e certo desprezo pela

mudança. Decorreu daí a ideia de *self* como entidade e também a existência de um núcleo essencialista tendo como consequência a procura por alguma substância duradoura, como o ego, o espírito ou a alma.

Na Psicologia, a visão de *self* mais frequente se origina da tradição filosófica que começa em Descartes, passa por Kant e chega em Piaget (OLIVEIRA, 2006). Segundo Oliveira (2006), trata-se do *self* como “si mesmo”, a tomada de consciência de ser uma entidade independente e autônoma em relação ao outro. Uma visão racionalista do psiquismo, que ressalta uma perspectiva individualista, pois descreve algo que se passa no interior do sujeito. Entendemos, então, que existem sérias dificuldades ao se atribuir propriedades universais ao conceito de *self*, pois o próprio conceito a ser usado dependerá da teoria em que está inserido, o que implicará em diferenças epistemológicas sobre o desenvolvimento humano.

Diante do que foi exposto, devemos buscar responder essas questões evidenciando suas relações em volta destes conceitos. Para tanto, objetivamos neste artigo apresentar alguns apontamentos sobre o sentido do *Self* alinhado ao realismo crítico¹ das teorias desenvolvidas por Margareth Archer (1995a; 2000). Assim, optamos por abordar a relação entre a identidade social e a identidade pessoal, trazendo reflexões iniciais acerca deste fenômeno

necessidade ou aquilo que é entrevisto como possibilidade no mundo povoado de objetos. O “actual” é justamente aquilo que é feito quando as potencialidades e as estruturas desses mesmos objetos são ativadas e utilizadas. Finalmente, o empírico corresponde ao domínio da experiência, quer ao nível do real quer do “actual”, mesmo que disso não tenhamos consciência (SAYER, 2000, p. 11-12).

¹ O realismo crítico postula a existência de três níveis diferenciados da realidade. O “real” como aquilo que “é”, aquilo que existe para além das nossas interpretações, textos, discursos ou percepções, seja natural ou social, e tenhamos nós ou não uma noção adequada da sua natureza. Este “real” contém uma estrutura e poderes que podem ser ativados ou mantidos na sua dormência. Os realistas tentam, por conseguinte, identificar aquilo que é percebido como

no âmbito sociológico. Para os constructos relacionais, destacamos como principal embasamento o texto de Archer “Realismo e o Problema da Agência”, traduzido pela socióloga brasileira, Cynthia Hamlin (2000).

1- Identidade pessoal

Archer (2000) demonstra que a emergência de um sentido contínuo de *self* deriva de nossa localização no mundo, e não que ela depende de nossa socialidade, mas não se disse nada acerca de como nós, seja singularmente, seja como humanidade, agimos sobre o mundo. A autora quebra a ruptura em lidar apenas com uma propriedade dos agentes: sua capacidade crucial de se reconhecer como o mesmo agente ao longo do tempo.

Mas os agentes também se tornam portadores de outras propriedades e poderes emergentes que os tornam reconhecíveis como sujeitos que respondem diferentemente ao mundo e que agem no mesmo buscando mudá-lo. Archer fomenta que para dar conta da emergência da identidade pessoal dos agentes, que deriva de suas interações com o mundo e suas ordens natural, prática e social. No entanto, a identidade pessoal depende da emergência anterior de um sentido de *self*, dado que este deve assegurar o fato de que as três ordens da realidade estão todas se impondo sobre o mesmo sujeito e que este sujeito sabe disso (ARCHER, 2000, p. 64).

Archer (2000) argumenta que a identidade pessoal é uma questão daquilo com o que nos importamos no mundo. “Constituídos como somos, e o mundo sendo o que é, os seres humanos inelutavelmente interagem com as três ordens diferentes da realidade, a natural, a prática e a social” (ARCHER, 2000, p. 64). Os seres humanos têm, necessariamente, que estabelecer

relações orgânicas, de trabalho e sociais, para que possam sobreviver e se realizar. Neste sentido, não podemos ser indiferentes às questões que estão enraizadas em nossas relações com essas três ordens.

1.1 As três ordens diferentes da realidade

Conforme pontuado acima, Archer (2000) destaca como inerente à identidade pessoal a interação com três ordens diferentes da realidade: a natural, prática e a social.

Na ordem da natureza, os seres humanos (e muitos animais) têm o poder de antecipar a influência das ocorrências ambientais em seu bem-estar corporal. A antecipação é a chave para a emoção. “Nós sabemos quais as consequências do fogo ou da água gelada em nossos corpos e, somaticamente, isto é projetado como medo. Se não antecipássemos estas consequências, não haveria nada, a não ser a dor causada pelo evento” (ARCHER, 2000, p. 64).

Em consonância ao exposto acima, Archer defende que, por sermos seres conscientes, é a partir desta interação entre circunstâncias ambientais e preocupações com o nosso bem estar físico que podemos antecipar sua conjunção e lidar com ela como uma espécie de comentário emocional. A emergência de emoções como medo, raiva, nojo e alívio fazem parte da relação entre as propriedades do ambiente e dos nossos corpos físicos.

Na ordem prática, existe um grupo distinto de emoções que emergem de nossas relações sujeito/objeto e que dizem respeito a nossas realizações práticas. Archer (2000) estabelece dois subgrupos: frustração, tédio e depressão, por um lado, e satisfação, alegria, estímulo e euforia, por outro. A relação tarefa/agente, de acordo com Archer

(2000) é essencialmente uma relação do sujeito confrontando o objeto e aquilo que ocorre entre eles é conhecido apenas pelo sujeito.

Para Archer (2000), cada tarefa traz suas próprias exigências sobre o agente, se é que uma performance capacitada será produzida. A tarefa carrega, assim, seus próprios padrões, que dão ao agente uma resposta positiva ou negativa. De maneira mais esclarecedora, as sensações de fracasso ou de sucesso são refletidas emocionalmente. Emoções positivas promovem a continuação da prática e emoções negativas predisõem à sua interrupção.

Por fim, mas não menos importante, na ordem social, não podemos senão “tornarmo-nos um sujeito entre sujeitos e isto vem acompanhado das ‘propriedades de referência ao sujeito’ (como admirável ou vergonhoso) que expressam a importância da normatividade para as nossas próprias preocupações em sociedade” (ARCHER, 2000, p. 65). Para a autora, a mais importante de nossas preocupações é nossa autoestima, garantida através de certos projetos (carreira, família, comunidade, clube ou igreja), cujo sucesso ou insucesso é considerado por nós como confirmação ou negação do nosso valor.

É apenas porque investimos nestes projetos sociais que somos suscetíveis a sentir emoções (*emotionality*) em relação à avaliação normativa da sociedade no que diz respeito ao nosso desempenho destes papéis. Nosso comportamento é regulado por esperança e medo, ou seja, antecipações de aprovação/desaprovação social. Ser um simples portador de papéis não traz tais implicações emocionais - alunos que não baseiam sua valorização pessoal em seu

desempenho escolar não são abatidos por reprovações escolares. Assim, são nossas próprias definições do que constitui autoestima que determina que avaliações normativas são importantes o suficiente para que sejamos emotivos acerca delas (ARCHER, 2000, p. 65).

Entende-se, então, pelas premissas estabelecidas por Archer, que, na maior parte do tempo, cada pessoa tem que desenvolver seu *modus vivendi* em relação às três ordens, estabelecendo um equilíbrio aceitável no seio de nossa trindade de preocupações inevitáveis. Este *modus vivendi* pode priorizar uma das três ordens da realidade, como no caso de alguém que diz "viver para sua arte", mas não pode negligenciar inteiramente as outras ordens. No entanto, a constituição da nossa identidade estrita enquanto pessoas particulares precisamente estão calcadas no equilíbrio que estabelecemos entre nossas preocupações nestas três ordens.

Em última análise, Archer (2000) revela que nossas identidades pessoais emergentes dizem respeito à maneira como priorizamos uma preocupação, no sentido de tomá-la nossa "preocupação última" e como subordinamos as outras preocupações a ela, ainda que as acomodando entre si. “Isto porque, constituídos como somos, não podemos deixar de nos preocupar com a maneira como nos saímos nas três ordens da realidade” (ARCHER, 2000, p. 66). Em suma, estas preocupações nunca podem ser exclusivamente sociais, dado que o *modus vivendi* é estabelecido por um agente ativo e reflexivo, a identidade pessoal não pode ser a dádiva da sociedade, buscando, assim, um conceito mais amplo identitário, visto como identidade social.

2 - Identidade social

Archer (2000) fundamenta que a identidade social é a capacidade de expressar aquilo com o que mais nos importamos em papéis sociais que nos capacitam a expressar nossas preocupações últimas. A emergência de nossos "selves sociais" é algo que ocorre na interface entre "estrutura e agência". É, portanto, necessariamente relacional, e para que seja propriamente relacional, deve-se reconhecer os poderes independentes das "estruturas" e dos "agentes", aspecto característico da abordagem realista social.

Tajfel (1981, apud WHETTEN e GODFREY, 1998), afirma que a identidade social é a representação que um indivíduo dá a si mesmo por pertencer a um grupo. Entendemos, então, que ela é o fruto da interação dos mecanismos psicológicos e dos fatores sociais, relacionados a um processo social dinâmico construído por semelhança e oposição, em constante evolução. A identidade de um grupo repousa sobre uma representação social construída, sobre a qual uma coletividade toma consciência de sua unidade pela diferenciação dos outros (DUBAR, 1996), essa identidade é guiada pela necessidade do indivíduo de ser no mundo, assim como pela sua necessidade de pertencer a grupos sociais. Isso ocorre porque a definição do outro e de si mesmo é largamente relacional e comparativa (ASHFORTH; MAEL, 1989).

² Segundo Archer (2000b), os agentes primários são aqueles que estão mais próximos da experiência direta dos indivíduos, ou seja, são os agentes que têm maior impacto na socialização e na formação da identidade das pessoas desde a infância. Eles incluem a família, os amigos e a escola, por exemplo. Esses agentes são importantes porque fornecem aos indivíduos as primeiras experiências significativas em relação

Em uma abordagem realista social de Archer (2000), se reconhece a existência das Propriedades Emergentes das Pessoas (PEPs) e a realidade de Propriedades Estruturais e Culturais Emergentes (PEEs e PCEs), e percebe a emergência de agentes e atores como desenvolvimentos relacionais, ocorrendo entre os mesmos. “Recapitulando, no realismo, os poderes humanos (PEPs) sobre os quais os poderes estruturais (PEEs) e culturais (PCEs) têm impacto, levando assim à emergência de "agentes" e "atores", são o sentido de *self* (*seljhood*) e a identidade pessoal” (ARCHER, 2000, p. 69).

Para que se possa dar conta, segundo Archer, da emergência dos sujeitos sociais, que devem, eles próprios, ser concebidos como estratificados, o realismo implica em diversos movimentos. Evidentemente não é o nosso foco de análise nos aprofundarmos nestas estratificações, porém, necessitase de uma apresentação delas, já que a autora lidou com os três estratos básicos em questão no capítulo 8 de *Realist Social Theory* (ARCHER, 1995a), que podem ser resumidos:

1. Como a sociedade involuntariamente afeta o *self* humano, no sentido de diferenciar coletividades de Agentes Primários², em virtude de suas relações com recursos socialmente escassos.
2. Como Agentes Primários transformam-se coletivamente

ao mundo social e cultural, moldando suas visões de mundo, valores e comportamentos. Para Archer, os agentes primários desempenham um papel fundamental na formação da subjetividade e na construção de identidades pessoais. Eles são vistos como os principais responsáveis por estabelecer a estrutura cognitiva e moral dos indivíduos, o que influencia as escolhas e ações futuras.

em Agentes Corporativos³ quando procuram transformar a sociedade; Agentes Corporativos sendo distinguidos por sua organização e articulação de objetivos.

3. Como a reprodução/transformação social (morfofostase/morfogênese⁴) afeta o arranjo de papéis existentes e, portanto, o potencial de identidades sociais disponíveis para o desenvolvimento de Atores Sociais.

Archer (2000) conclui afirmando que se a identidade social decorre da adoção de um papel e de sua personificação de uma maneira singular, e não simplesmente de sua reprodução, então parece que temos que apelar para a identidade pessoal para podermos dar conta daquele ou daquela que opera tal personificação de forma ativa. “No entanto, aparentemente não podemos fazer tal apelo, pois, ao que parece, em tal perspectiva, a identidade pessoal não pode ser alcançada antes que a identidade social ocorra” (ARCHER, 2000, p. 69).

Neste sentido, a autora faz algumas indagações em relação a essas

³ Em seus estudos, Archer se refere aos agentes corporativos como atores sociais que possuem uma capacidade reflexiva para avaliar e escolher entre diferentes opções de ação. Esses agentes são capazes de refletir sobre as normas, valores e estruturas sociais que os influenciam, e podem optar por agir de acordo ou não com essas influências. Na perspectiva de Archer (2000b), os agentes corporativos são dotados de uma certa autonomia em relação às estruturas sociais que os cercam, o que lhes permite exercer um certo grau de liberdade na escolha de suas ações. No entanto, essa autonomia não é ilimitada, e é sempre influenciada pelas estruturas sociais que moldam suas percepções e possibilidades de ação. Dessa forma, a teoria da estruturação de Archer destaca a interdependência entre as estruturas sociais e os agentes que agem dentro delas.

preocupações e relações entre identidade pessoal e identidade social, evidenciando alguns dilemas, tais como: de que maneira as pessoas poderiam avaliar suas preocupações sociais em relação a outros tipos de preocupações, quando ordenando suas preocupações últimas? A obtenção da identidade social depende de alguém ter identidade pessoal suficiente para que possa personificar qualquer papel dado? Essas indagações serão respondidas adiante.

3 - Relações entre identidade pessoal e identidade social

Archer (2000), em seu texto *Realismo e o Problema da Agência*, relaciona de forma dialética as duas identidades, pessoal e social, determinando que “a única saída é aceitar a existência de uma relação dialética entre as identidades social e pessoal” (ARCHER, 2000, p. 70). Porém, a autora também explica que para que esta tal concepção não seja um mero jogo de palavras, é necessário estabelecer três momentos nesta relação entre identidades, culminando, assim, numa síntese na qual tanto a identidade pessoal quanto a social sejam emergentes e distintas, embora tenham contribuído para a emergência e singularidade uma da outra. Assim,

⁴ Archer (1995b) utiliza o conceito de "morfofostase" e "morfogênese" para se referir aos processos sociais que levam à mudança ou à estabilidade nas estruturas sociais. Para a autora, a morfofostase é o processo que mantém a estabilidade e a continuidade das estruturas sociais existentes. Ela argumenta que as estruturas sociais são mantidas por meio da repetição de práticas e normas que são transmitidas de geração em geração, o que garante a continuidade da sociedade ao longo do tempo. Já a morfogênese, por sua vez, é o processo que leva à mudança e à transformação das estruturas sociais. Archer argumenta que a morfogênese ocorre quando os atores sociais se engajam em práticas e ações que desafiam as normas e as estruturas existentes, criando novas possibilidades e novas formas de organização social.

Archer, por meio de siglas destas duas identidades, a pessoal e a social, determina que o primeiro momento é o qual a identidade pessoal nascente governa a identidade social nascente.

Neste processo de aquisição de identidade, segundo Archer, o próprio indivíduo sofre uma mudança. É por isto que é legítimo falar de um segundo "momento", no qual a identidade social nascente afeta a identidade pessoal nascente. "As 'primeiras escolhas' são experimentos, guiados pela identidade pessoal nascente, mas, neste ponto, os 'termos e condições' de investimento pessoal em um papel, e a escolha de se identificar com o mesmo, também se tomam manifestos" (ARCHER, 2000, p. 71).

Neste sentido, para Archer, se faz necessária a indagação interna dos agentes sociais se quer investir algo de si em seus empreendimentos experimentais no futuro quanto a este processo de experimentação de identidades.

Reflexivamente, sua resposta ao endosso de tal identidade social pode ser "não" e, neste caso, sua escolha é corrigível; eles podem buscar uma fonte alternativa para sua identidade social. No entanto, no processo de experimentação, as pessoas terão sofrido certas mudanças objetivas e subjetivas. Subjetivamente, elas adquiriram algum grau de autoconhecimento que terá impacto sobre suas identidades pessoais: elas são agora pessoas que sabem que se aborrecem com x, que se desiludem com y e que se sentem pouco à vontade com z. Objetivamente elas também mudaram, pois, os custos de suas posições revisadas se alteraram, e "segundas escolhas" podem ser mais difíceis de se definir (ARCHER, 2000, p. 71).

Assim, quando os sujeitos encontram um papel social satisfatório, para Archer, seja na primeira tentativa ou em tentativas subsequentes, eles devem tomar uma decisão, nomeadamente, "quanto de mim estou disposto a investir nisto?" (ARCHER, 2000, p. 71). E é neste momento em que ocorre a síntese entre identidade pessoal e identidade social.

Aqueles que experimentaram um papel o suficiente para desejarem tomar seus alguns dos interesses associados ao papel em questão também mudaram, na medida em que agora eles sabem que acham tais atividades interessantes. Eles muito literalmente perderam sua postura desinteressada porque agora percebem sua autoestima como constituída pela ocupação deste papel. No entanto, a maioria dos papéis são consumidores vorazes: não existem horas suficientes em um dia para se desempenhar o "bom" acadêmico, advogado, ou executivo, e um "bom" pai ou uma "boa" mãe pode envolver dedicação ao longo do dia. Isto significa que esta identidade social que se cristaliza domina a identidade pessoal? (ARCHER, 2000, p. 71-72).

Para responder aos questionamentos acima, Archer elucida algumas razões baseadas nos papéis sociais desempenhados simultaneamente pelos indivíduos e que se entrelaçam entre identidade pessoal e social.

Para começar, a maioria de nós desempenha diversos papéis sociais simultaneamente. Se todos eles forem "vorazes", então quem ou o que intermedia suas demandas? Se nós deixássemos isto de lado, como uma questão que é simplesmente definida pela força destas demandas que competem entre si, então teríamos, uma vez mais, definido a nós mesmos como sujeitos passivos.

Em segundo lugar, se se assume que os próprios sujeitos intermediam tais demandas, então temos que nos perguntar quem exatamente está fazendo isto. A resposta só pode ser "uma pessoa". No entanto, se é de fato a pessoa que tem tais capacidades, então teríamos que concordar que, se ela tem a capacidade de "pesar" um papel em relação a outro, ela também pode avaliar seus compromissos sociais em relação a outros compromissos. A conversação interna ("adulta", sobre a qual se argumentou anteriormente, diz respeito exatamente a isto. Certamente, quando se considera o portador recente de um papel, informações novas e socialmente derivadas são incluídas no diálogo interno, mas tais informações são incluídas em relação às assertivas de outras preocupações correntes. Sua priorização e acomodação só pode ser trabalhada dialogicamente (ARCHER, 2000, p. 72).

Diante destas circunstâncias, Archer explica que o resultado deste entrelaçamento do desempenho de papéis entre as duas identidades aqui explanadas é uma identidade pessoal no seio da qual a identidade social foi determinada na vida de um indivíduo. A porção que cabe à identidade social pode ser grande, a exemplo de "ela vive para seu trabalho" ou pequena "ela só faz isto pelo dinheiro", mas não há nada que automaticamente assegure prioridade às preocupações sociais.

“É o indivíduo que atribui prioridade e, mesmo se as condições forem coercitivas a ponto de se encontrar boas razões para se dedicar muitas horas a, por exemplo, um trabalho monótono, nada obriga os indivíduos a colocarem sua alma nisto” (ARCHER, 2000, p. 72). Logo, Archer fundamenta que ao conceder o fato de que precisamos de uma pessoa para desempenhar a personificação ativa,

deve-se finalmente conceder que nossas identidades pessoais não são redutíveis a dádivas da sociedade.

É neste processo que, de acordo com Archer, nossa identidade social também se define, mas, necessariamente, como um subconjunto da identidade pessoal. Podemos agora “representar esta aquisição de identidade pessoal como um processo de individuação progressiva, substanciada pelo ser humano autoconsciente que emerge através da ‘primazia da prática’” (ARCHER, 2000, p. 73).

Consoante ao exposto acima, evidencia-se que a identidade constitui uma tentativa de explicação do conceito de si, sendo fruto de uma construção psicológica que, segundo Dubar (1996), é processo em construção, definido pela intermediação constante das identidades assumidas e das identidades visadas. Para ele, essa distância existente entre tais tipos de identidades é o espaço de conformação do eu, ou seja, da construção da identidade. E é sobre ele que vão se processar as interações sociais e ocorrerá a participação dos outros na construção da própria identidade.

Concluindo, as relações entre identidade pessoal e social fundamentada por Archer (2000), a socióloga traz três características incorporadas nos agentes sociais que constituem o sentido de *self* humano, sendo eles o “eu”, “mim” e “nós”. O "Eu", cujo sentido de *self* contínuo é necessário ao longo do processo. O "Mim" é o *self* como objeto que, no passado do indivíduo, foi involuntariamente colocado no seio da distribuição de recursos da sociedade como um Agente Primário. O "Nós" representa a ação coletiva na qual o *self* se engajou, como parte da tentativa da Agência Corporativa de gerar a transformação social que,

simultaneamente, transformou o arranjo de papéis restante, assim como a própria Agência Corporativa. Isto criou as posições que o "Você" pode adquirir, aceitar e personificar, tomando-se, desta maneira, um Ator que possui uma identidade social estrita.

Construir a própria identidade é, portanto, conforme Whetten e Godfrey (1998) um permanente desafio no sentido de encontrar o equilíbrio entre aquilo que se é e o que os outros esperam que nós sejamos. O outro é o espelho social que permite ao indivíduo reconhecer-se, avaliar-se e aprovar-se. Sob essa perspectiva, o "eu" não existe, a não ser em interação com os outros.

Considerações finais

Diante da reflexão sobre sentido de *self* e o caráter relacional entre identidade pessoal e social, pudemos compreender que a primeira está ligada a uma construção individual do conceito de si, enquanto a segunda, refere-se ao conceito de si a partir da vinculação da pessoa a grupos sociais. Conforme vimos, excluindo a dimensão transcendental da sua abordagem sociológica, Archer (2000b, p. 228) alega que a realidade é feita de três dimensões com as quais nós, seres humanos, lidamos: a natural, que corresponde ao bem-estar físico, a da prática, que corresponde à competência performativa, e a social, correspondente ao valor próprio na ordem social.

Por esta lógica, percebe-se que a identidade social é o resultado das nossas relações com a sociedade e que deve ser distinguida da nossa identidade pessoal, que é mais abrangente, uma vez que emerge das nossas relações com as três dimensões da realidade. Entretanto, também pudemos perceber que ambas as identidades estão entrelaçadas e o seu aparecimento é um processo dialético,

mas a identidade pessoal é o ponto regulador das relações do *self* com toda a realidade.

Ao se confrontar com uma escolha, a primeira decisão a ser tomada em relação ao futuro ocupacional de alguém, deverá ser baseada em sua experiência das três ordens da realidade, a natural, a prática e a social, conforme foi discutido; ainda que, enquanto principiante, ela só possa "ensaiar" no que se refere à conversação interna acerca de tais ordens.

Sendo assim, as três dimensões podem estar em conflito, por isso é preciso fazer escolhas, separar as preocupações principais das secundárias; e isso acontece por meio de um constante diálogo interno. Somos quem somos, conforme pontua Archer, por causa daquilo que nos preocupa.

Finalizando este artigo, concluímos, seguindo os pressupostos de Archer, que o indivíduo tem poderes de monitoramento contínuo, tanto do *self*, quanto da sociedade; e que ele é parcialmente formado por sua socialidade, mas que também tem a capacidade de transformar parcialmente sua sociedade em busca de ser um agente social ativo, desempenhando seus papéis e realizando escolhas/ preocupações de maneira coerente aos seus anseios.

Referências

ARCHER, M. **Realismo e o Problema da Agência**. Tradução de Cynthia Lins Hamlin. Recife: UFPE, 2000a.

ARCHER, M. **Being Human: The Problem of Agency**. Cambridge University Press. Cambridge, 2000b. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/being-human/6A8CF6FF153D82D1A6EF416053F1A8C4> Acesso em: 10 ago. 2022.

ARCHER, M. **Teoria Social Realista: a Abordagem Morfogenética**. Cambridge University Press, Cambridge; 1995a.

ARCHER, M. **Realist Social Theory. The Morphogenetic Approach.** Cambridge University Press. Cambridge, 1995b.

ASHFORTH, B.; MAEL, F. **Social identity theory and the organizational.** *Academy of Management Review*, n. 14, p. 20-39, 1989.

BAMBERG, M. ZIELKE, B. From dialogical practices to polyphonic thought? Developmental inquiry and where to look for it. **International Journal for Dialogical Sciences**, v. 2, n. 1, p. 223-242, 2007.

CHANDLER, M. Surviving time: The persistence of identity in this culture and that. **Culture & Psychology**, v. 6, n. 2, p. 209-231, 2000. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1354067X0062009>. Acesso em: 20 ago. 2022

DUBAR, C. **La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles.** 2.ed. Paris: Armand Colin, 1996.

GAZZANIGA, M. S., & Heatherton, T. F. **Psychological science: Mind, brain, and behavior.** New York: W. W. Norton, 2003.

GERGEN, K. J. The social constructionist movement in modern psychology. **American Psychologist**, volume 40, p. 266-275, 1985.

Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1986-00014-001>. Acesso em: 20 ago. 2022.

OLIVEIRA, M. C. S. L. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 2, p. 427-436, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/pB6Rn6NbJgKzRb3dnv35qtn/?lang=pt> Acesso em: 14 ago.2022.

SAYER, Andrew **Realism and Social Science**, Londres, Sage, 2000. Disponível em: <https://sk.sagepub.com/books/realism-and-social-science> Acesso em: 14 ago. 2022.

SHOTTER, J. The social construction of our "inner" lives. **Journal of Constructivist Psychology**, v.10, p. 7-24, 1997.

STRAWSON, G. The self. In S. Gallagher & J. Shear (Eds.), *Models of the self.* **Imprint Academic**, Charlottesville, VA, p. 1-24, 2005.

WHETTEN, D.; GODFREY, P. **Identity in organizations.** London: Sage Publications, 1998.

Recebido em 2023-03-16
Publicado em 2023-06-08